



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

## SOBRE A MISÉRIA DA CONJUNTURA PÓS-LULISTA NO BRASIL

**Autores:** BRUNA FIGUEIREDO OLIVEIRA, WESLEY HELKER FELICIO SILVA

### Introdução

O Partido dos Trabalhadores (PT) teve seu início em 1978, mas se oficializa em 1980, sendo que somente nos anos 1990 torna-se uma oposição institucional relevante dentro do aparelho do Estado. Este caminho selava as “deformações burocráticas” do partido e rompia de vez com as possibilidades de consolidar-se como uma necessidade histórica que poderia unir os trabalhadores nas batalhas que buscasse superar a mera administração da ordem. Em outros termos, os impulsos sociais evidentes desde a sua criação e que ainda se fazia presente, e até certo ponto o animava, entrava em contradição com a sedutora integração à ordem, sem as definições programáticas de outrora; o que, do ponto de vista da sua dinâmica interna, evidenciou-se na passagem de uma agremiação predominantemente militante a uma predominantemente burocrática. O PT colheu os frutos da coalizão de classes, que a partir do momento onde tal postura já não era de interesse do capital, foi colocado de lado e tirado do poder.

No processo de progressiva acomodação às exigências do *status quo*, o PT rebaixou seu programa até sua completa mutação em um “melhorismo” esquálido, que o transformou na ala “menos pior” do neoliberalismo. A metamorfose do PT num partido perfeitamente enquadrado nas exigências da ordem, com todos os vícios e distorções da política burguesa, e o acirramento das lutas de classes minaram as bases do longo ciclo político que transformou o partido de Lula na principal referência política da classe trabalhadora brasileira (SAMPAIO JR., 2018).

Por isso, a conjuntura abre a necessidade histórica acerca do balanço crítico dos caminhos a serem trilhados, considerando a política nacional, na qual as classes subalternas sofrem cada vez mais com a ofensiva neoliberal, com os cortes e contrarreformas nos direitos assegurados na Constituição de 1988.

### Material e métodos

Essa investigação baseou-se na pesquisa qualitativa, orientada pelo método crítico dialético, buscando analisar o objeto em questão a partir das suas interconexões, a fim de desvendar seu conteúdo e reconstruir teoricamente sua realidade. Em outros termos, baseia-se na perspectiva de totalidade como eixo condutor para a interpretação dos dados obtidos. Nesse sentido, utilizou-se da pesquisa bibliográfica com o intuito de acumular as discussões realizadas em torno do problema proposto, bem como da consulta de dados divulgados por institutos de pesquisas e órgãos oficiais do governo.

### Resultados e discussão



# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Este trabalho visa aprofundar estudos anteriores acerca do processo de transformismo pelo qual passou o PT, bem como as consequências do cenário que se abriu a partir do fim do lulismo no Brasil. Nesse sentido, é importante ressaltar que, se por um lado, como forma de levar o PT ao poder político, foram consolidadas alianças com setores dos mais variados espectros políticos, inclusive com conservadores, a exemplo de José de Alencar, um empresário e senador de direita, que chancelava o arco de alianças que o PT propunha; por outro lado, não rompeu totalmente com a política econômica liberal do governo de Fernando Henrique Cardoso – FHC, e unificou os programas de transferência de renda existentes no programa bolsa família, considerado o carro-chefe da sua política social, ao mesmo tempo em que criou o programa “luz para todos”, aumentou o salário mínimo, manteve e ampliou o sistema de seguridade social – embora, vale dizer, promovendo sua “assistencialização” – lhe garantindo apoio popular.

Nos termos de Paulani (2008), embora houvesse quem acreditou que essa adesão do PT ao canto da sereia neoliberal fosse apenas uma forma de “fazer a travessia” e realizar uma “transição sem traumas” para uma sociedade emancipada das amarras do capital, teve que se conformar com uma dócil adequação do partido ao modelo já existente.

Como afirma Anderson (2016), o que de fato aconteceu foi um considerável melhoramento nas condições de vida dos mais miseráveis, mas de forma individualizada, com políticas sociais focalizadas que tinham como objetivo a inserção dos pobres no mundo do consumo. Dito de outra forma, o lulismo refuncionalizou a pobreza como uma questão administrativa, através do combate à pobreza extrema, em conformidade com as contradições do capitalismo contemporâneo. Nesse sentido, a ênfase nas políticas de transferência de renda, junto com os louvores ao deus do mercado financeiro, liquidava as possibilidades de defesa e garantia dos interesses históricos das classes subalternas brasileiras e criava-se uma forma de hegemonia apoiada num “consentimento passivo” das massas e num “consentimento ativo” das direções, em consonância com as principais características do neoliberalismo (BRAGA, 2010; 2016). Em virtude disso, conforme Sampaio Jr. (2012, forjou-se no país um mito do crescimento como solução para os problemas do Brasil, causando uma ilusão nas massas, através de políticas sociais compensatórias que permitiram por um lado atender certas aspirações da classe subalterna e, por outro, ampliar a base social do lulismo através da incorporação passiva das massas ao seu arranjo político.

Mas, a entrada do segundo decênio do século XXI trouxe consigo a exigência de que o lulismo precisaria mudar sua feição. Diante de uma crise de sucessão presidencial no PT, Dilma Rousseff foi apresentada como a continuadora do arranjo político lulista, expondo nas eleições de 2010 um programa de governo cujo objetivo central era a eliminação da miséria. A feição do lulismo, porém, não se alterou em virtude da mudança de presidentes, mas sobretudo por causa da ressaca da crise do final da década passada que agora alcançava com mais força os países periféricos, ou seja, a alegria do consumo permitida pelos tempos áureos do lulismo apontava para a angústia de uma crise que se aproximava.

Em suma, após adotar as medidas de austeridade em 2015, o governo Dilma, mesmo atendendo docilmente às demandas dos capitais, aplicando um programa contrário ao apresentado em sua campanha, foi escorraçado do poder, junto com o pacto lulista, abrindo caminho para o aprofundamento inescrupuloso do ajuste fiscal e, com ele, a barbárie social. Assumindo assim a presidência do país, seu vice Michel Temer, que, com uma agenda de austeridade adotada, culminou em uma sensação de desamparo social. Ou seja, as pessoas não só deixaram de consumir como também deixaram de receber diversos benefícios do governo federal (MACHADO; SACALCO, 2018).

A derrocada do lulismo foi catalisada através da condenação e prisão do ex presidente Lula, no dia 7 de abril de 2018. Nos termos de Sampaio Jr. (2018), além da falência do pacto político, a política nacional transformou-se num pântano, tendo em vista que, a célere punição de Lula, quando os processos contra Renan, Juca, Temer e Aécio permanecem indefinidamente engavetados, escancara os atropelos, a seletividade e a impunidade que caracterizam um sistema judiciário arbitrário que, no melhor estilo “para os amigos, tudo, para os inimigos, a lei”, funciona com rigor máximo para os pobres, com total leniência para os ricos e de maneira casuística para os que não são amigos do rei (SAMPAIO JR. 2018).

As eleições de 2018 para presidente do Brasil caracterizou de forma muito odiosa, pela população brasileira, o esgotamento da hegemonia petista. E, com isso, surgiu novos desafios para lançamento de uma candidatura presidencial que se aproximasse da figura do Lula, de modo que traga o mínimo de esperança para as massas.

Porém, somadas à desilusão da política de forma geral, gerou uma onda de antipetismo muito forte que, em contrapartida, fortaleceu o discurso da direita conservadora e extremista no país, representada nessas eleições pela figura do candidato a presidente Jair Messias Bolsonaro, um militar da reserva e político brasileiro, filiado ao Partido Social Liberal – PSL. Em seu discurso totalmente autoritário, moral, ligado à igreja e à defesa da família tradicional brasileira, legítima, através de sua fala voltada para uma promessa de um novo Brasil, e uma luta contra o comunismo, um risco ainda maior que a corrupção, pois ameaça a liberdade do “cidadão de bem”.

O país se encontra sob uma ameaça para a reversão em nível nacional, tendo em vista que com o apoio à tortura, a intervenção militar, homofobia, machismo, etc., promovida pelos discursos de ódio do candidato Bolsonaro; floresceu na população brasileira um consenso onde todas as mazelas sociais são culpa do PT; intensificando, por isso, o discurso de que somente um candidato com “punho firme” resolveria todos os problemas da atual situação brasileira.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Abre-se agora, no campo político brasileiro, uma luta não mais pelo caminhar das transformações na vida das pessoas, e do fortalecimento da esquerda mais revolucionária. Trata-se de buscar os melhores caminhos para enfrentar uma situação em que andam juntos o retrocesso social, o cerceamento das liberdades e a criminalização da própria esquerda, e que nos leve ao contentamento com um cenário menos pior, em defesa da democracia brasileira. Pois, só uma coisa é previsível, mesmo a longo prazo: O caos! (FERREZ,2018)

## Considerações Finais

Com o esgotamento das gestões do PT, a miséria continua como um grande desafio para a sociedade brasileira, sobretudo no contexto de colapso dos mecanismos que favoreceram uma mobilidade social na base da pirâmide. A tendência diante desse cenário, então, é o aprofundamento da violência dos atores sociais, tendo em vista que o crescimento da desigualdade pode impossibilitá-los cada vez mais de conviverem em harmonia. Por isso, a violência pode tomar novas direções, como também afirmou Menegat (2015), a exemplo dos casos da barbárie do “justiçamento” e do ato irracional dos linchamentos promovidos pelos cidadãos “de bem” contra os “bárbaros”, cujos episódios vêm crescendo no país, de tal forma que na última década entre 1 milhão e 1,5 milhão de brasileiros já participaram como agressores de um linchamento.

O *impeachment* da gestão lulista, portanto, serviu para colocar em curso a forma pela qual o capitalismo passou a responder aos efeitos da grande desvalorização assistida a partir da crise de 2008, tanto no centro como na periferia do sistema, a saber, a radicalização do neoliberalismo. As políticas de ajuste, visando seu aprofundamento, têm como escopo inibir o patamar civilizatório dos trabalhadores, através da redução das obrigações do Estado com gastos em saúde e educação, por exemplo. O que significa que, além da redução do número de escolas, creches e de verbas para as universidades públicas e para o aprimoramento da construção do Sistema Único de Saúde – SUS – está em curso a consumação de uma época erigida a partir da Constituição de 1988, que desafia as gerações atuais a construir uma luta civilizatória com potencial de oposição histórica à barbárie do capitalismo contemporâneo, mas que, para tanto, vá além da experiência lulopetista.

## Agradecimentos

À Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), pela possibilidade de realizar a Iniciação Científica Voluntária, e pela realização do projeto de pesquisa “O Colapso do Lulismo e o Caminho Seguro à Barbárie”, e a todos os envolvidos para a elaboração desse trabalho.

## Referências bibliográficas



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

ANDERSON, Perry (2016). **Crise no Brasil**. Tradução: Fernando Pureza. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/crise-no-brasil/>. Acesso 17/04/2016

BRAGA, Ruy. O fim do lulismo. In: SINGER, André [et. al.]. **Por que gritamos golpe?:** para entender o impeachment e a crise. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERNANDES, Florestan. **O PT em Movimento:** Contribuição ao I Congresso do Partido dos Trabalhadores. São Paulo: Atores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do nosso tempo; v. 43).

FERRÉZ. Periferia e conservadorismo. In: GALLEGO, Esther. **O Ódio como Política:** A reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. In: GALLEGO, Esther. **O Ódio como Política:** A reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

MENEGAT, Marildo (2015). **O fim da gestão da barbárie**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/300341304/Menegat-2015-Fim-da-gesta-o-da-barba-rie>. Acesso: 18/01/2016.

PAULANI, Leda, 1954. Brasil Delivery: **servidão financeira e estado de emergência econômico**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SAMPAIO JR. Plínio A. Desenvolvimentismo e neodesenvolvimentismo: tragédia e farsa. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**. N. 112. São Paulo: Cortez, 2012b.

\_\_\_\_\_. **A Agonia Do Lulismo E A Urgência De Uma Alternativa De Esquerda**. Disponível em: <https://pliniojr.com.br/2018/04/16/a-agonia-do-lulismo-e-a-urgencia-de-uma-alternativa-de-esquerda/>. Acesso: 09/07/2018